

**Conectando e demarcando as telas:
análise do perfil @apib no facebook sobre o Acampamento Terra Livre em 2021**

*Connecting and demarcating the screens:
profile analysis @apib on facebook about the Free Land Camp in 2021*

José de Arimateia Ferreira de OLIVEIRA¹
Douglas Junio Fernandes ASSUMPÇÃO²

Resumo

O processo de comunicação é produzido por meio de algum formato de conteúdo informativo. Desse modo esta pesquisa tem como objetivo analisar conteúdo de comunicação de indígenas e não indígenas durante a realização do “Acampamento Terra Livre”, no perfil da APIB no Facebook, em abril de 2021. A sustentação teórica versa sobre os estudos de Maingueneau (2004), Marcondes Filho (2019) e Souza (2018). Como procedimentos metodológicos foram utilizadas as pesquisas qualitativa, bibliográfica e de análise de conteúdo de Bardin (2011), no qual foi possível utilizar a técnica categorial. Os resultados mostraram que por meio de 4.268 comentários, atravessados pelos seus modos de produção textual de “sujeitos em rede” que “conectam territórios físico-digitais” e “demarcam telas”, foi possível compreender os estudos de diversas dimensões de entendimentos comunicacionais e contribuir como a interpretação da análise de conteúdo.

Palavras-chave: Acampamento terra livre. Facebook. Análise de conteúdo.

Abstract

The communication process is produced by means of some informative content format. Thus, this research aims to analyze communication content of indigenous and non-indigenous people during the "Terra Livre Camp", on APIB's Facebook profile, in April 2021. The technical support focuses on the studies of Maingueneau (2004), Marcondes Filho (2019) and Souza (2018). The qualitative, bibliographic and content analysis research of Bardin (2011) were used as methodological procedures, in which it was possible to use the categorical technique. The results showed that By means of 4,268 comments, crossed by their textual production modes of "network users" that "connect physical-digital territories" and "demarcate screens", it was possible to understand the studies of several dimensions of communicational understandings and contribute as the interpretation of content analysis.

Keywords: Camping free land. Facebook. Content Analysis.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA). E-mail: jose.oliveira@ifac.edu.br

² Doutor em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA). E-mail: rp.douglas@hotmail.com

Introdução

Ao passar dos tempos os processos comunicacionais e a forma de interagir se modificaram, possibilitando uma melhor produção e disseminação de informações pelo ciberespaço. Nota-se que a produção de conhecimentos e formas de registro de sistemas culturais percorrem, facilmente, pelo mundo conectado em rede nas suas diversas plataformas. A exemplo, tem-se as comunidades indígenas, que utilizam a potencialidade da internet para registrar, divulgar e disseminar culturas, assim como suas lutas políticas, além, de reviver saberes de seus ancestrais.

Dessa forma, percebe-se a existência de uma rede de conteúdos informativos interculturais dos povos indígenas atravessados pela inserção da comunicação, que conecta e demarca territórios físicos e digitais. Assim analisa-se o perfil da “Articulação dos Povos Indígenas do Brasil” - APIB³, no Facebook, responsável pela realização do Acampamento Terra Livre - ATL, que é um movimento indígena onde são abordadas as articulações de lutas dos povos originários, realizado desde o ano de 2004 e que tradicionalmente ocupa Brasília (DF). A APIB divulga em sua página informações de entidades, organizações e coletivos de culturas indígenas referentes às diversas pautas, como conflitos de terra, manifestações públicas, notas de repúdio, carta manifesto, festivais de filmes/músicas, denúncias, depoimentos, direitos indígenas e, também, informativos sobre enfrentamento, casos, óbitos e vacinação sobre à Covid-19.

De acordo com a APIB (2021)⁴, “há dezessete anos realizamos o Acampamento Terra Livre, e este ano de 2021 faremos a nossa segunda edição virtual. Demarcando as telas e lutando por direitos entre os dias 5 e 30 de abril”. Com o tema “A nossa luta ainda é pela vida, não é apenas um vírus”, teve uma programação organizada e transmitida pelas bases regionais no site oficial da APIB como, também, nas redes Mídia Índia⁵ e Mídia Ninja⁶. Outrossim, a programação se agrega a mobilização ou ação de 19 de abril “Dia do índio” ou “Mês de luta e resistência dos povos indígenas”.

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/apiboficial>. Acesso em: 4 jun. 2021.

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/apiboficial/photos/a.1851616878441806/2856386011298216/?type=3>. Acesso em: 5 de jun. 2021.

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/VozDosPovos/> Acesso em: 5 jun. 2021.

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/> Acesso em: 5 jun. 2021.

No entanto, não se pode falar de um determinado movimento social de etnias indígenas apenas pelo viés da internet ou das redes sociais, sem mencionar outros saberes ou experiências, mesmo entendendo que as mídias oferecem diversas possibilidades de interação entre os seus usuários.

Desse modo, acredita-se que os indígenas em seus espaços comunicativos e interpretativos são protagonistas diante de seus territórios digitais e físicos, em vários sentidos e interações sócio-culturais com outros sujeitos. Como observa Quéré (2005, apud SOUZA 2018, p. 23), “a comunicação como um acontecimento, ou seja, ‘um palco de encontro, interação, confrontação e determinação recíproca’.” Igualmente, compreende-se por intermédio de manifestações de coletivos indígenas, como um “acontecimento” quando os sujeitos envolvidos nos levam a conhecer seus saberes interculturais diante de suas práticas comunicacionais.

Todavia, Marcondes Filho (2019, p. 19) ressalta que a comunicação “é um fenômeno, ela tem a capacidade de nos desarranjar, de nos desestabilizar, de provocar e, através disso, nos levar a pensar, nos incomodar. Produz algo naquele que a vivencia e tem a potência de alterá-lo”.

O autor supracitado relata (2019, p. 21) que “para acontecer a comunicação é preciso uma ocorrência muito mais ambiciosa em termos qualitativos, ou seja, ela tem de mexer com minhas próprias concepções de mundo”. Por conseguinte, entende-se, também, a comunicação como uma cadeia de relações de saberes que nos constituem como sujeitos críticos e reflexivos diante da construção de nossas identidades e consequentemente diante do conhecimento e posicionamento do “outro” em suas diversas expressões comunicativas.

Entretanto, quando se fala das culturas indígenas e meios de comunicação, através de algum tipo de plataforma digital, é possível encontrar vários conteúdos discursivos recorrendo a textos, áudios, vídeos, fotografias e imagens. São recursos utilizados em publicações de *posts* nas redes sociais, sendo que o próprio texto, como narrativa, pode-se apresentar sob diversas formas. De acordo com Maingueneau (2004, p.57) sobre a variedades textuais, “Outra forma de heterogeneidade: a associação, no mesmo texto, de signos *linguísticos* e signos *icônicos* (fotos, desenhos etc.).”

À vista dessa possibilidade de entendimentos textuais e como recorte temporal, durante os dias 4 a 14 de junho de 2021, foi explorado o perfil da APIB, no facebook, com o objetivo de analisar conteúdo de comunicação textual de indígenas e não indígenas, durante a realização do “Acampamento Terra Livre” em abril de 2021.

Frente a esse objetivo faz-se necessário estabelecer como problema de pesquisa a seguinte pergunta: Quais os conteúdos textuais pautados nos saberes ancestrais e nas lutas sócio-políticas utilizados como diálogos pelos indígenas e não indígenas durante a realização do “ATL- 2021” ?

Com base no exposto, o aporte teórico foi fundamentado nos estudos de Maingueneau (2004), Marcondes Filho (2019) e Souza (2018), sendo que a metodologia abordada foi a análise de conteúdo de Bardin (2011), na qual possibilitou utilizar a técnica categorial.

Assim esta pesquisa mostra-se direcionada na identificação de conteúdos categoriais que foram comentados por meio de saberes indígenas e não indígenas e, por conseguinte, na compreensão da comunicação como “acontecimento” ou “fenômeno” e não apenas uma referência de informações entre sujeitos conectados em rede.

Comunicação midiática e diálogos indígenas

A comunicação midiática conecta sujeitos a partir de determinada técnica ou plataforma e, que, de algum modo contribui para as relações sociais. Nessa construção, Souza (2018, p. 20) destaca:

A interação social mediada pelos dispositivos técnicos, desde a escrita e das possibilidades da fala, tem hoje na internet a oportunidade de construção de um mundo, se não ambivalente e dual e de múltiplas opções, por onde o protagonismo dos atores sociais pode se resumir à capacidade de se conectar apenas para experimentar e vivenciar essa mesma diversidade de espaço e tempo.

Nessa perspectiva, percebe-se vários pontos de conexões que une tecnologia e protagonismos sociais em uma dimensão que dialoga com narrativas de espaço e tempo. No caso dos povos indígenas, pressupõe-se que tradição e a internet mantém essas dimensões na contemporaneidade.

Explicitando, os programas de rádio que já não são tão tradicionais, vêm sendo utilizados como canais de informações culturais e de protagonismo entre muitos povos, apontando como ambientes de construção de diversidade plural de conhecimentos por meio digital próprio e independente. De acordo com a Carta mundial da mídia livre (2015, não p.), “Essas mídias dão espaço a outras vozes e se opõem à hegemonia dos discursos utilizando canais não comerciais e não governamentais (como as rádios comunitárias,

canais de televisão independentes, jornais, blogs, redes sociais, a música, a arte de rua etc).”

Sobre a comunicação e protagonismo indígena em espaços midiáticos alternativos, a exemplo da Rádio Yandê, o comunicador Anápuáka (2019, não p.) ressalta:

Yandê em tupi antigo quer dizer eu, nós ou ele. A rádio é uma mídia indígena em *streaming*, criada no ano de 2013 [...]. Chegamos com protagonismo, muita vontade e sem dinheiro [...]. Hoje, a Yandê ganhou mais autonomia, se tornou a essência viva que muda os paradigmas da comunicação indígena no país.

Deste modo, a comunicação indígena em suas práticas de lutas e protagonismos, precisa ser compreendida e apoiada por todos e não negligenciada como verifica-se ao longo da história.

Salienta-se como práticas de lutas sociais, a garantia e proteção das terras dos povos originários que está na esfera de conflitos, pois é campo de discurso do poder. Ribeiro (2015, p. 114) acrescenta, “Além dos conflitos em torno da terra, os indígenas vêm passando por uma intensa transformação devido a interferências nefastas em meio às disputas de terras que ameaçam sua sobrevivência e cultura”.

Diante dessa e de outras reivindicações sociopolíticas, os povos originários em suas relações dialógicas com a sociedade não indígena, possuem o direito do uso das mídias digitais como processo comunicacional, que contribua de maneira positiva para suas práticas sociais e preservação de suas culturas. Segundo Klein e Renesse (2018, s/p.):

Quando a tecnologia de comunicação se inscreve na visão política das lideranças como um meio renovado de produzir as práticas sociais e culturais do grupo, e não como um fator de ruptura dessas práticas, ela é apropriada. É justamente porque a ideia importante associada à tecnologia de comunicação é a de continuidade, que ela pode ser um instrumento de empoderamento para o grupo.

Todavia, a invisibilidade por parte de indígenas e não indígenas, desses instrumentos de comunicação virtuais e autônomos, desvinculados da mídia hegemônica, pode ser ainda maior quando se desconhece as práticas de empoderamento como processo histórico-político-cultural de determinadas etnias indígenas. Segundo Gohn (2004, apud SOUZA, 2018, p. 19):

Ao abordar a evolução histórica dos movimentos sociais no Brasil, indica que o tema do empoderamento da comunidade subentende que ela seja protagonista de sua própria história, envolvendo o processo de mobilização que a impulsiona, mas se refere também à busca de integração de excluídos, perspectiva política e cultural que se realiza no espaço público: uma dimensão política.

Desta maneira, movimentos sociais indígenas vêm se organizando por meio de associações, centros de cultura, conselhos e outros, como é o caso da Articulação dos povos indígenas; Coordenação das organizações indígenas da Amazônia brasileira; Comissão pró-índio do Acre; União dos povos indígenas; Xapuri socioambiental; Mídia ninja; Mídia índia, entre outros.

Constata-se que comunicadores indígenas e apoiadores das causas indígenas desempenham um papel importante diante desses canais virtuais ao compartilharem seus discursos por meio da conexão em rede e ao apresentarem uma heterogeneidade de “vozes textuais”. Segundo Maingueneau (2004, p. 57) “Um texto não é necessariamente produzido por um só locutor. Em um debate ou uma conversa, ele se apresenta como sendo atribuídos a vários locutores [...]. Essa diversidade de vozes já é uma primeira forma de heterogeneidade dos textos.” Em se tratando de várias vozes, entende-se que há um processo dialógico construído entre sujeitos em seus discursos.

Durante a realização do ATL 2021, espaço de análise onde o discurso foi produzido, se destacou o uso da Língua Portuguesa, especificamente no processo dialógico textual. De acordo com o último censo demográfico realizado em 2010⁷, o Brasil possui pelos menos 305 povos indígenas, que utilizam 274 línguas diferentes, o que mostra uma diversidade étnica e cultural, sendo que 896 mil pessoas se declararam ou se consideram indígenas.

À vista disso, poucos conteúdos na tipologia textual foram expostos por meio das diversidades linguísticas maternas dos indígenas, o que não desfavoreceu o protagonismo desses povos e sim reforçou a importância dos estudos de análise categorial que abrem

⁷ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=2194&t=censo-2010-populacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274&view=noticia>. Acesso em: 9 jun. 2021.

possibilidades de entendimentos comunicacionais diante da pluralidade de vozes “existentes” e “resistentes” no movimento ATL.

Análise de conteúdo textual no Facebook

Tomando como procedimentos metodológicos foram utilizadas as pesquisas qualitativa, bibliográfica e de análise de conteúdo.

Especificamente, para responder ao problema da pesquisa foi utilizada a análise de conteúdo por ser um conjunto de técnicas bastante aplicada em pesquisas qualitativas. De acordo com a conceituação de Bardin (2011, p. 37):

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações.

Deste modo, dentre as várias técnicas foi escolhido a análise categorial, que possibilitou aferir um estudo por meio da programação e dos comentários textuais de indígenas e não indígenas no ATL.

Seguindo a proposta de Bardin, destaca-se o uso de 3 etapas da análise de conteúdo, a saber: *1ª etapa*: Pré-análise: leitura flutuante e criação de indicadores; *2ª etapa*: Exploração do material: elaboração de categorias e *3ª etapa*: Tratamento dos resultados: inferências e interpretação.

1ª etapa: pré-análise (leitura flutuante e criação de indicadores)

Como 1ª etapa, iniciou-se a fase de organização com a “leitura flutuante” que de acordo com Bardin (2011, p. 162), “consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações”. Por se tratar de um evento extenso, tornou-se necessário acompanhar toda a leitura do *corpus* para encontrar uma determinada coesão textual, o que conduziu um trabalho demorado e exaustivo. Segundo Bardin (2011, p. 126,127):

Regra da exaustividade: uma vez definido o campo do corpus [...] é preciso ter-se em conta todos os elementos desse corpus. Em outras palavras, não se pode deixar de fora qualquer um dos elementos por esta

ou aquela razão (dificuldade de acesso, impressão de não interesse), que não possa ser justificável no plano do rigor. Esta regra é completada pela de não seletividade.

De fato, mesmo aqueles conteúdos discursivos não relevantes que “fugiam” do *corpus* da pesquisa proposta, optou-se em realizar todo o universo das leituras textuais. De acordo com Bardin (2011, p. 126) “O corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos. A sua constituição implica, muitas vezes, escolhas, seleções e regras.”

2ª etapa: exploração do material (elaboração de categorias)

Nesta etapa, realizou-se a exploração do material com a elaboração dos procedimentos de codificação e categorização de acordo com os quadros 1 e 2. E para explicitar, destaca-se o campo “CÓD” que representa a unidade de codificação, onde foi atribuído um código para cada categoria analisada, portanto, a sigla ATL representa “Acampamento Terra Livre” e o número sequencial simboliza cada categoria analisada. O campo “UNIDADES DE REGISTRO” representa palavras de acordo com os recortes que foram sendo analisados. Nos campos “CATEGORIAS” e “SUBCATEGORIAS” são os dados que foram elaborados conforme as unidades de registro. E finalmente, no campo “OCORRÊNCIAS” são mencionados os dados pesquisados quantitativamente.

Importante destacar, além da pesquisa qualitativa, outros resultados com dados quantitativos de conteúdos diversos da comunicação, como os (signos icônicos) e os elementos textuais (programação e comentários) que totalizaram 12.403 curtidas, 4.268 comentários e 4.866 compartilhamentos. Sobre os elementos textuais, resultou na coleta e organização de categorias mais recorrentes, como: Covid-19, Direito, Luta, Meio ambiente, Mulher, Resistência, Terra e Demarcação de terras (quadro 1). Também, foi permitido organizar indicadores que proporcionaram criar as seguintes categorias pouco recorrentes, como: Ancestralidade, Comunicação, Juventude e Território (quadro 2).

Quadro 1 – Elaboração e descrição de categorias temáticas mais recorrentes

CÓD.	UNIDADES DE REGISTRO	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	OCORRÊNCIAS
ATL 1	isolamento, isolamento social, pandemia, vacina, vacinas, vacinado, vacinação já, vacine já, vacine parente.	Covid-19	#VidasIndígenasImportam, #VacinaJá, #VacinaParente	76
ATL2	direitos, direitos indígenas, direito dos indígenas, direito dos povos indígenas, direitos originários.	Direito		51
ATL3	lutas, lute, lutar, lutando, lutemos.	Luta		126
ATL4	desmatamento, florestas, impactos ambientais, mineração, mudanças climáticas, queimadas.	Meio ambiente	Amazônia	45
ATL5	mulheres, mulheres indígenas, mulheres guerreiras.	Mulher	Guerreiras	102
ATL6	resistências, resistência indígena, resistindo, resistem, resistimos.	Resistência		75
ATL7	terras, terra(s) indígena(s), mãe terra, invasão de terras, terra livre.	Terra		82
ATL8	demarcação, demarcação já e demarcação de terras indígenas.	Demarcação de terras	#DemarcaçãoJá	53

Fonte: Produção dos autores (2021)

Dessa forma, para entendimento da leitura dos dados coletados e separados por categorias, exemplifica-se a categoria “Covid-19” (quadro 1-ATL 1), onde ressalta-se que para o surgimento das unidades de registro foi necessário agrupá-las da seguinte forma: isolamento, isolamento social, pandemia, vacina, vacinas, vacinado, vacinação já, vacine já e vacine parente. Quanto as subcategorias que merecem destaque, foram as hashtag: #VidasIndígenasImportam, #VacinaJá e #VacinaParente. Portanto, essa categoria e suas variações totalizaram 76 ocorrências durante a pesquisa.

3ª etapa: tratamento dos resultados (algumas inferências e interpretação)

Após a descrição das características categoriais realizou-se a 3ª etapa com o tratamento dos resultados. De acordo com Bardin (2011, p. 131) “O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos - ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas”.

Dentre as categorias pesquisadas, destaca-se o contexto da pandemia da Covid-19, como um dos discursos mais frequentes utilizados no ATL. Nota-se que historicamente muitos povos indígenas vêm sofrendo com o impacto de doenças, considerando que possuem uma maior vulnerabilidade em questões de saúde, assim como a proteção de direitos sociais específicos e, por isso, merecem uma atenção especial por parte do poder público.

Assim, no perfil da APIB (2021)⁸, predomina-se vários comentários textuais, como os que seguem: “Vimos mais de 1000 dos nossos caírem para a pandemia da covid-19, e sentimos a dor da perda de nossos velhos. Mas nós, povos indígenas, também temos ao nosso lado a força dos ancestrais.” Outros discursos que se referem ao cenário de enfrentamentos da Covid-19 no contexto da saúde e de tantos outros aspectos comunicacionais e sociais, como argumenta Baretz (2021)⁹ “Como vocês têm usado a tecnologia para conscientizar os parentes sobre a importância da vacinação em seus territórios?” Enquanto, Guajajara (2021, grifo nosso)¹⁰ ressalta que, “A pandemia parou quase tudo, só não parou as invasões nas Tis – **Terras indígenas!** ”.

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/apiboficial/videos/736854060332711>. Acesso em: 04 jun. 2021.

⁹ Disponível em: <https://fb.watch/v/1Gw5PP4oo/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

Interessante observar que a categoria “Covid-19” há vários contextos ou conteúdos comunicativos que se entrelaçam, como: perda - ancestrais - vacinação - tecnologia e invasão de terras, o que evidencia várias concepções discursivas, cabendo ao analista examinar e avaliar cada palavra para encontrar a dinâmica da organização e assim adequar a sua pesquisa categorial. Pode-se perceber que, de acordo com Bardin (2011, p. 218) “É pelo domínio da palavra, pelas suas lacunas e doutrinas que o analista pode reconstruir os investimentos, as atitudes, as representações reais.”

Por conseguinte a categoria “terra” (quadro 1-ATL7) foi uma das representações que possui entendimentos de valores simbólicos para os indígenas que, ora se apresenta sobre diversas maneiras como território sagrado, ora como espaço discursivo de reivindicações ou de conflitos sociais. Importante ressaltar que a categoria “Demarcação de terras” (quadro 1-ATL8) devido as suas especificidades discursivas foi utilizada como outra categoria, que por sua vez indicou outras unidades de registro conforme o quadro citado anteriormente.

Neste sentido, não se pode deixar de mencionar os direitos originários sobre as terras, sendo uma das pautas sempre recorrentes nos centros de discussões de movimentos, assim como a tese do “Marco temporal” e seus impactos na demarcação de terras dos povos indígenas. Mesmo sendo um tema atual não foi descrito como categoria, devido pertencer a outras estruturas discursivas, nesse caso essa temática foi representada nas lives transmitidas durante o ATL-2021.

Del Monte (2021)¹¹, destaca que os “Povos INDÍGENAS Importam e Preservam os nossos Recursos Naturais. Terra Livre Demarcação Já.” Entende-se que os indígenas e apoiadores da causa estão atentos à grande crise climática ao preservarem a terra e seus patrimônios naturais, assim como “Demarcação já” que configura um termo utilizado para destacar a urgência nos processos de demarcação de terras indígenas.

No caso da categoria “luta” (quadro 1-ATL3) revelou a maior frequência de repetição com 126 ocorrências, considerando as suas unidades base ou de registro. Conforme Bardin, 2011, p. 134 “A unidade de registro pode ser de natureza e de dimensões muito variáveis”. Nesse caso corresponde a um recorte a nível linguístico com o uso exclusivo de palavras de sentido único ou de vários significados.

¹⁰ Disponível em: <https://fb.watch/6kiBfpEcSS/>. Acesso em: 11 jun. 2021.

¹¹ Disponível em: <https://fb.watch/6khuLx-rYg/>. Acesso em: 11 jun. 2021.

Outrossim, a categoria “Mulher” (quadro 1-ATL5) onde chama-se a atenção para a subcategoria “Guerreiras”, sendo essa utilizada para enfatizar a participação crescente das mulheres de várias etnias nos espaços sociais de lutas, observando-se o comentário de Terena (2021)¹², “guerreiras indígenas do nosso Brasil. Nossa cultura, nossa força, nossa LUTA SEMPRE.” E conforme Costa (2020, p. 90):

Guerreiras indígenas que – em um tempo em que muitos preferem não assumir sua identidade indígena, para fugir do estigma social que os persegue – assumem não apenas as suas identidades de mulheres indígenas, mas assumem também a missão de carregar toda a história coletiva de seu povo.

São guerreiras que lutam pelas suas identidades, diante de tantos contrastes sociopolíticos, e que representam o protagonismo da luta da mulher na preservação da cultura e da história de seus povos, assim como dos seus direitos fundamentais, já previstos na Constituição federal de 1988.

Já o quadro 2 ilustra outras categorias pouco utilizadas ou recorrentes nos discursos.

Exploração do material (elaboração de categorias)

Quadro 2 – Elaboração e descrição de categorias temáticas pouco recorrentes

CÓD.	UNIDADES DE REGISTRO	CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	OCORRÊNCIAS
ATL1	ancestrais, ancestral.	Ancestralidade		10
ATL2	demarcar telas (compartilhando telas, demarcando as telas), tecnologias, tecnologias indígenas, território digital.	Comunicação	Tecnologia	20
ATL3	jovem, jovens, jovens indígenas, juventude indígena, jovens guerreiros.	Juventude		32
ATL4	territórios, território tradicional.	Território		15

Fonte: Produção dos autores (2021)

Após a descrição das características dessas categorias, passamos novamente a significação acerca de duas categorias, no que segue:

¹² Disponível em: <https://fb.watch/6kwHPoR0DV/>. Acesso em: 12 jun. 2021.

Tratamento dos resultados (algumas inferências e interpretação)

Em relação ao aspecto categorial “Juventude” (quadro 2-ATL3), conforme Olivieri-Godet (2020, p. 136), “Cada vez mais conectada, a juventude ameríndia usa as redes sociais para difundir suas produções artísticas, sejam híbridas ou tradicionais, e lutar contra a exclusão material e simbólica de que é vítima”. Entende-se, dessa forma, que a juventude em construção e afirmação de suas identidades, aldeados ou na cidade, está utilizando cada vez mais as mídias sociais e dependem sobremaneira dos progressos tecnológicos como aliados de seu protagonismo ou ativismo.

A categoria “Comunicação” (quadro 2-ATL2) e a subcategoria “Tecnologia”, se destacam pela variação “Demarcar telas”, sendo uma das expressões textuais utilizadas no evento. Segundo Ribeiro (2021)¹³, “ATL 2021 Demarcando as telas e convocando a sociedade para lutar juntos aos Povos Indígenas!!”. Tal expressão, encontrada nas unidades de registro acima, vêm sendo utilizada por muitos comunicadores indígenas como discurso para chamar a atenção sobre as redes sociais e a internet como espaços de estreitamento de relações com os indígenas e outros sujeitos.

A subcategoria “Tecnologia” que ora é vista no próximo comentário, como ferramenta de conexão entre a palavra *ancestral* e a palavra *futuro*. Segundo Rodrigues (2021)¹⁴, “Minha tecnologia une as duas pontas a ancestral e a do tal futuro...” Mas que futuro é esse, que exige uma lacuna sugerindo outras reflexões ou questionamentos ?

Contudo, ao explorar palavra por palavra, observa-se que é necessário muito mais que conexão em rede para que aconteça a comunicação. Marcondes Filho (2019, p. 19) por sua vez, traz um conceito amplo ao ressaltar que: “Comunicação não é uma ação passiva no sentido de um compartilhar, um repassar, um transferir alguma coisa, mas um tipo de vivência, uma experiência, um acontecimento, uma imersão”.

Discorre-se assim, que o movimento ATL é um universo de processos de aprendizagens e experiências que, a cada ano realizado, se constitui como ferramenta significativa para a comunicação indígena e não um simples compartilhamento de informações entre sujeitos, o que permite explorar discursivamente inúmeros sentidos ou reflexões, sobretudo, na descoberta da comunicação categorial.

¹³ Disponível em: <https://fb.watch/v/1BIQslRip/>. Acesso em: 13 jun. 2021.

¹⁴ Disponível em: <https://fb.watch/v/1Gw5PP4oo/>. Acesso em: 13 jun. 2021.

Considerações finais

Ao longo deste artigo foi possível analisar categorias acerca de narrativas de sujeitos em suas dinâmicas e práticas socioculturais. Entre os resultados destaca-se a relevância das categorias “Mulher” e “Juventude” que pela suas amplitudes identitárias e ativismos estão cada vez mais conectados e articulados por meio do espaço midiático. São coletivos indígenas ou uma nova geração de comunicadores interétnicos que rompem com estereótipos e encontram na tecnologia uma aliada na busca por conhecimento e disseminação de informações das causas indígenas.

Desta maneira, teve-se o cuidado na construção dos indicadores, para realizar a fragmentação dos comentários textuais para depois agrupá-los novamente em categorias, sendo uma das etapas mais longas realizadas, o que remete a regra de exaustividade demonstrada por Bardin, resultando em uma investigação demorada para a geração das categorias.

No entanto, observou-se a proporção que o evento ATL-2021 alcançou por meio de 4.268 comentários dos quais resultou no surgimento das análises categorias, não sendo apenas uma simples conexão explícita entre “sujeitos em rede”, mas de outras dimensões de conteúdos comunicacionais, a exemplo do termo “Marco temporal” que não foi categorizado, porém, necessário destacar a sua importância na realização de uma pesquisa futura para melhor aprofundamento teórico e conceitual.

E por fim, ressalta-se que mobilizações sociais de coletivos indígenas vêm crescendo nas últimas décadas ao conectar e demarcar telas como práticas midiáticas, no caso do movimento ATL-2021, em sua 2ª versão totalmente virtual, que descoloniza conhecimentos que foram impostos historicamente e como sendo um importante “instrumento de empoderamento” e, especificamente, para a utilização de análise categorial que abre diversas possibilidades textuais de entendimentos na “comunicação como fenômeno” cultural dos povos indígenas com outros sujeitos.

Referências

ANÁPUÁKA, Muniz. A voz além das aldeias: tradição e tecnologia se unem para manter vivos os costumes dos povos indígenas. [Entrevista cedida a] Editor SescTV. **SescTV**, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://sesctv.medium.com/a-voz-al%C3%A9m-das-aldeias-4a01e57a2203>. Acesso em: 14 jun. 2021.

ARTICULAÇÃO dos povos indígenas do Brasil. Começa o abril indígena. 2021. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/apiboficial/photos/a.1851616878441806/2856386011298216/?type=3>. Acesso em: 5 jun. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
BERETZ, Clarissa. Como vocês têm usado a tecnologia para conscientizar os parentes sobre a importância da vacinação em seus territórios? 11 abr. 2021. **Facebook**. Disponível em: <https://fb.watch/v/1Gw5PP4oo/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

CARTA mundial da mídia livre. Disponível em: <http://www.uece.br/fafidam/2015/04/09/carta-mundial-da-midia-livre/>. 2015. Acesso em: 10 de jun.2021.

COSTA, Helene Rosa da. **Identidades e ancestralidades das mulheres indígenas na poética de Eliane Potiguara**. Minas Gerais: UFU, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/29255/1/IdentidadesAncestralidadeMulheres.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2021.

DEL MONTE, Katia Rosaria. Povos indígenas importam e preservam os nossos recursos naturais, terra livre demarcação já. 24 abr. 2021. **Facebook**. Disponível em: <https://fb.watch/6khuLx-rYg/>. Acesso em: 11 jun. 2021.

GUAJAJARA, Dimarãs. A pandemia parou quase tudo, só não parou as invasões nas tis!. 20 abr. 2021. **Facebook**. Disponível em: <https://fb.watch/6kiBfpEcSS/>. Acesso em: 10 jun. 2021.

KLEIN, Tatiane; RENESSE, Nicodème. **O que dizem (e pensam) os índios sobre as políticas de inclusão digital?** 2018. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/O_que_dizem_\(e_pensam\)_os_%C3%ADndios_sobre_as_pol%C3%ADticas_de_inclus%C3%A3o_digital%3F](https://pib.socioambiental.org/pt/O_que_dizem_(e_pensam)_os_%C3%ADndios_sobre_as_pol%C3%ADticas_de_inclus%C3%A3o_digital%3F). Acesso em: 14 jun. 2021.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. A questão da comunicação. **Revista de comunicação da FAPCOM**, v. 3, n. 5, 2019. Disponível em: <https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/87/81>. Acesso em: 4 jun. 2021.

OLIVIERI-GODET, Rita. A emergência de autores ameríndios na literatura brasileira. In: Dorrico, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (orgs.). **Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo**. Porto Alegre: Fi, 2020. p. 133-168.

RIBEIRO, Cristina. Demarcando as telas e convocando a sociedade para lutar juntos aos povos indígenas!! 8 abr. 2021. **Facebook**. Disponível em: <https://fb.watch/v/1BlQslRip/>. Acesso em: 13 jun. 2021.

RIBEIRO, Núbia Braga. Políticas públicas e os povos indígenas no Brasil contemporâneo. In: RESENDE, Maria Leônia Chaves de. **Mundos nativos**: culturas e história dos povos indígenas. Belo Horizonte: Fino traço, 2015. p. 107 -143.

RODRIGUES, Alba. Minha tecnologia une as duas pontas a ancestral e a do tal futuro... 11 abr. 2021. **Facebook**. Disponível em: <https://fb.watch/v/1Gw5PP4oo/>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SOUZA, Mauro Wilton de. Comunicação e cultura: práticas sociais em debate. **Revista de comunicação da FAPCOM**, vol. 2, n. 3, 2018. Disponível em: <https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/39/49>. Acesso em: 10 jun. 2021.

TERENA, Chicão. Guerreiras indígenas do nosso Brasil, nossa cultura, nossa força, nossa luta sempre. 13 abr. 2021. **Facebook**. Disponível em: <https://fb.watch/6kwHPoR0DV/>. Acesso em: 11 jun. 2021.